

# *Echos, Echoes, Ecos, Echi*

## *n<sup>o</sup> 11*

### **O BILHETE**

Continuamos, com os diferentes dispositivos locais de nosso conjunto internacional, a animar o debate de Escola sobre a questão dos AME que concerne, igualmente e de diferentes formas, todo o dispositivo do passe. Jornadas são dedicadas a essas questões em diferentes zonas. Lembramos que contamos com os dispositivos de Escola para prolongar esse debate, a fim de chegar a conclusões certas no fim de 2018.

Paralelamente, prosseguimos com nosso trabalho, que diz respeito, prioritariamente, aos passes nos cartéis do passe, e um trabalho mais teórico, ligado a nossas questões, no um por um, e postas em prática nos cartéis do CIG.

Lembro que prosseguimos ainda com as duas formas de cartel: o que se adapta melhor ao problema das línguas e das incompatibilidades, o cartel do passe, que raramente é o mesmo; e o do CIG, que é formado pelos mesmos membros no decorrer do funcionamento de nosso CIG.

Estamos entrando num momento de bastante atividade em virtude da preparação de nosso X Encontro Internacional dos Fóruns e de nosso VI Encontro Internacional de Escola, 20 anos depois da criação da IF.

E ainda que a tarefa pareça pesada, contamos com todos para torná-la apaixonante e fecunda.

Anne LOPEZ, Marcelo MAZZUCA

## REUNIÃO DO CIG DE 1 E 2 DE JULHO DE 2017

Esses dois dias de trabalho permitiram ouvir dois passes: um da Itália e outro do Brasil.

Discutimos diversos pontos.

1. Escolhemos, para o **caderno de papel dos passes**, que cada cartel permaneça livre para escrever ou não um comentário depois de ter ouvido o passe. Acreditamos que vamos manter essa opção para o mandato posterior ao nosso.

2. Discutimos a proposta de fazer figurar nos anuários e repertórios os **AE que não estão mais em função**. Assim, seria(m) marcada(s) a(s) data(s) nas quais eles estiveram em função, os AE em função tendo seus três anos anotados ao lado de seus nomes. Não se trata de tornar permanente essa nomeação, mas simplesmente de guardar um traço da história de nossa comunidade – há muitos dentre nós que acreditam que há uma tendência a fazer desaparecer aquilo que fez marca no passe, os desaparelhado. Esse tema parece ter um certo eco e aprovação dos membros do CIG. Somos uma das raras escolas a fazer funcionar o passe e a assegurar, assim, os dois *gradus* AME e AE. Guardar os rastros disso parece importante.

Uma questão deve ser colocada em discussão: o que, todos nós e a Escola, esperamos de nossos AE, para além dos primeiros testemunhos vivos e frequentes, senão tentar inventar um saber “inventado em seu íntimo” [*cru dans leur propre*], como Lacan se expressa. E sabemos que é um desafio difícil.

### 3. O debate AME

Aparentemente, este debate não está “se alastrando” por toda parte. Muitos ainda mal estão participando do debate, como se ele permanecesse algo obscuro: onde e sobre o que se apoiar, e a partir de que se desencadeou o debate?

Há, no entanto, realmente uma espera que se manifesta, às vezes, de forma negativa: descontentamento quando uma dada pessoa não é nomeada, descontentamento que pode ser manifestado do lado da pessoa em questão, mas também daquele que a indicou. Consta-se, então, que nomes circulam abertamente e podem ser um desafio de cooptação pretendido. É claro que a nomeação AME é feita efetivamente sob a forma de cooptação, sobre aquilo que se sabe, que se conhece da prática e da competência de um membro. Ademais, é evidente que, desde a criação de nossa Escola, há tendências, transferências que não devem ser confundidas com castas ou séquitos...

Para além desses pontos conhecidos, uma outra questão chegou até nós: qual é o momento de uma nomeação de AME sem que isso venha a tamponar a abertura por e no passe?

Outro problema nos fez trabalhar, o da dita qualidade dos passadores. E aí, sabemos que **designar um passador** é uma aposta. Poderíamos quase dizer que não há maus passadores, mas apenas designações em que se nota a diferença entre o que o AME antecipou, sem dúvida com boas razões, e o que se produziu efetivamente. O que pode parecer, apesar de tudo, evidente, é que aparece uma certa dificuldade de ler esse momento privilegiado em que um analisando pode funcionar como passador, “ser o passe”. Pode-se reler a nota que Lacan fez sobre o passador (8 de maio de 1974, *Analyse*

*freudienne presse*, 1993; 4:42 e *Wunsch II*, outubro de 2011, p. 79. <http://www.champlacanian.net>), cujo conteúdo apresenta uma grande exigência, e relacioná-la também, mesmo que não se trata do mesmo contexto, com a “Nota italiana” (4 de abril de 1974, OE, pp. 311-315), em que Lacan propõe a alguns que ele conhece bem de serem passadores na busca do AE.

Há uma competência dos AME com relação à designação do passador que precisa ser melhorada. Como fazer isso? Temos em torno de 2010 AME. Falta mais ou menos uma transição geracional. O CIG decidiu, desde outubro de 2017, relançar, junto aos dispositivos de Escola e de todos os membros, as propostas de nomeação de AME. A caducidade da lista anterior permanecerá, isto é, nós não a utilizaremos. Assim, é importante ressaltar que aqueles que haviam feito propostas têm a obrigação de renová-las.

Uma proposta – a de fazer, assegurar os laços entre os AME – será colocada em discussão. A Escola poderia se propor a escutar um pouco mais os AME recentemente nomeados, pedindo-lhes para intervir mais frequentemente. Por outro lado, seria preciso, talvez, redirecionar o debate para as expectativas da Escola para com seus AME, assim como as expectativas da Escola no que diz respeito à entrada como membro da Escola.

Em contrapartida, institucionalizar a possibilidade – sempre presente, naturalmente – do controle no que tange ao momento da designação do passador parece algo pouco desejável, correndo-se o risco de, em longo prazo, restabelecer uma classe de didatas.

#### **4. A garantia**

Talvez fosse importante trabalhar a ideia do interesse de uma garantia com relação aos tempos atuais, em que o “psi” está sendo rebaixado a uma prática na qual tudo pode ser feito e dito acerca do saber inconsciente, do sintoma etc., mas que encobre, na verdade, uma ignorância sobre a materialidade e a força do inconsciente. Seria desejável trabalhar novamente a questão de por que estimamos tanto nossas garantias.

Há aí também, portanto, o desejo de estar mais em contato com a realidade atual, de questionar o engajamento da psicanálise no mundo.

#### **5. Os passes**

Pudemos conversar sobre os dois passes ouvidos: um do Brasil e o outro da Itália. Um momento sempre interessante de intercâmbios entre dezesseis pessoas, com a ressonância das diversas línguas. A decisão de nomear ou não cabe ao cartel, e a discussão entre todos nós somente acontece depois dessa decisão.

Temos três passes em curso ou em espera neste momento. Ainda estamos com falta de passadores anglófonos, de modo que não podemos responder a uma demanda de passe da Austrália.

Discutimos a respeito do papel exato do(a) secretário(a) do passe dos dispositivos locais. Em certos casos, nos demos conta de que só havia uma única pessoa que conhecia a lista dos passadores. Pensamos, em todo caso, que não seria favorável ao bom funcionamento do dispositivo que apenas uma pessoa fosse a detentora de uma lista de nomes, seja ela qual for. Isso está no princípio de nossa Escola.

6. Depois desses dois dias de trabalho, preparamos, nos diferentes lugares, **um trabalho mais estreito sobre o passe sob todos os seus aspectos:**

- em 07 de setembro de 2017, no Rio de Janeiro, a Jornada de Escola que reuniu a ALN e ALS foi dedicada ao passe, com o título “A prova pela Escola e a Escola como prova”;
- preparamos em Paris, dia 30 de setembro de 2017, uma tarde de trabalho intitulada “Debate sobre o AME e o Passe – A proposição de 9 de outubro de 1967 completa 50 anos”;
- dois membros do CIG (Roser CASALPRIM e Jean-Pierre DRAPIER) participaram, em 23 de setembro de 2017, de uma tarde de cartel sobre o passe, cujo título foi “Da experiência”. Roser CASALPRIM falou sob o título “Reflexões sobre o passador” e Jean-Pierre DRAPIER, “O passador e o passe”.

### **7. Próximos Wunsch**

- Wunsch nº 17 está sendo preparado e compreenderá as intervenções da Jornada Europeia de Barcelona de 21 e 22 de janeiro de 2017 sobre “O saber do psicanalista e seu saber-fazer”;
- Wunsch nº 18 incluirá as intervenções acima mencionadas (7 de setembro no Rio, 23 e 30 de setembro em Paris).

### **8. Reembolso das despesas dos membros do CIG**

Depois de um certo número de observações e de nossa discussão com o CRIF, é provável que o CIG vá propor uma modificação das condições de reembolso das despesas do CIG na ocasião da próxima Assembleia Geral da IF-EPFCL.

## REUNIÃO DO CIG DE 24 e 25 DE NOVEMBRO DE 2017

Desde nossa primeira reunião do CIG, dia 4 de março de 2017, pudemos ouvir nove passes e nomear três AE; dois durante as jornadas de Toulouse! Trata-se de Adriana GROSSMAN e Nicolas BENDRIHEN. E isso conferiu a nosso trabalho uma tonalidade de alegria e entusiasmo.

1. Discutimos novamente a “marca” a ser guardada pelos AE. Se uma maioria expressiva estiver de acordo em manter essa proposta, a forma sob a qual ela será feita ainda não foi determinada.

Frédéric PELLION nos traz uma contribuição sobre o tema “Marca e traço”. Marc STRAUSS ressalta, com relação ao AE, que a “Carta de 23 de outubro de 1980 com cabeçalho da Causa Freudiana” é a única menção sobre o AE transitório. Essa disposição é, por outro lado, justificada por um *risco* “antes de ir diretamente se encavar na casta”, e não numa lógica.

Uma questão foi colocada sobre a habilitação do CIG em tomar decisões regulamentares. Com relação a isto, cabe efetivamente ao CIG determinar a pauta da Assembleia Geral da IF-EPFCL e, portanto, levar a ela eventuais propostas regulamentares.

Em todo caso, a nomeação de um AE é um acontecimento para a Escola, acontecimento do qual é possível desejar que ele deixe um traço. Com relação a isso, trata-se simplesmente de “traçar” os fatos históricos, e até mesmo para a Escola, de “mostrar” seus produtos. Convém, além de distinguir **esse fato de Escola que é a nomeação**, efeitos da própria nomeação.

Os AE parecem unânimes em dizer que guardam, de sua nomeação, uma marca durável. Mas será que eles querem guardar essa marca? Será isso o mesmo que o traço que a Escola quer ou não conservar?

A dificuldade é a dialética do singular e do coletivo, a mesma dificuldade, em suma, para os AME e para os membros da Escola.

### 2. Prolongamento, ou não, do debate sobre os AME

As qualidades pelas quais o AME é nomeado AME são uma coisa, e o que o AME faz com elas é outra. A mobilização dessas qualidades supõe um desejo de Escola que pode ser nutrido pela demanda de Escola, “agalmática”. Isso vai no sentido de sustentar a proposta feita por Bernard LAPINALIE. Essa proposta poderia, portanto, ser inscrita na pauta da Assembleia Geral da IF-EPFCL. Falta decidir se o CIG sustentará que essa entrevista de acolhimento aconteceria antes ou depois da nomeação. No Rio de Janeiro, na ocasião da Jornada Interamericana de setembro de 2017, foi pedido, por intermédio da CLEAG, que se procurasse a dimensão internacional para uma demanda de admissão como membro da Escola.

Isso conduz a uma questão, mais geral, a da atratividade da Escola, questão talvez mais acentuada na França do que em outras regiões. O atrativo do enigma, que é, sob vários aspectos, o ensino de Lacan, talvez não seja o mesmo hoje como foi anteriormente.

### **3. Regulamento interno**

Não nos parece necessário precisar ainda mais os dispositivos relativos ao futuro dos passadores não sorteados ao fim de dois anos, dado que eles podem ser reconduzidos em função da opinião de seu analista. O AME tendo designado o passador, ele o reconduz ou não. Em caso de problema, o CIG decide sobre as situações particulares que eventualmente vierem a acontecer.

### **4. Preparação da Jornada de Escola de 13 de setembro de 2018**

O título “A Escola e os discursos” foi escolhido na reunião anterior do CIG. Ele está sendo divulgado no site com o argumento redigido por Marc STRAUSS.

Nesse texto, há a presença, na própria Escola, dos quatro discursos. O papel institucional dos AME os desloca mais na direção do mestre, quando se trata, por exemplo, de seleção e de garantia.

Em seguida, foi proposta por Marc STRAUSS uma frase da “Alocução sobre as psicoses da criança”: “Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?” (OE, p. 367). Essa intervenção data de 22 de outubro de 1967, ou seja, 15 dias depois da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. Sem dúvida foi o humor alegre depois das nomeações de AE que nos levou a colocar essa frase como subtítulo de “A Escola e os discursos”.

Seis pré-textos sobre o tema “A Escola e os discursos” serão redigidos e divulgados, tendo essa frase de Jacques Lacan sobre a alegria como subtítulo:

- em dezembro de 2017, por Marcelo MAZZUCA;
- em janeiro de 2018, por Patrick BARILLOT;
- em fevereiro de 2018, por Frédéric PELLION;
- em abril de 2018, por Clara Cecilia MESA;
- em junho de 2018, por Jean-Pierre DRAPIER;
- em agosto de 2018, por Sandra BERTA.

Solicitaremos também a uma pessoa de cada zona que intervenha, como agora é de costume.

### **5. Simpósio sobre o passe**

Estamos refletindo sobre os pontos que serão tratados por e-mail antes de nossa próxima reunião plenária.

Um local foi reservado das 16h às 20h para o Simpósio.

### **6. Esclarecimento da Comissão de Habilitação Internacional (CAI)**

Os efetivos dos membros de Escola nas diferentes zonas são os seguintes (de acordo com o último levantamento efetuado por Lucile COGNARD): ALN: 41; ALS: 52; Brasil: 110; Língua inglesa: 19; Espanha: 156; Zona francófona: 298; Itália: 73.

A proporcionalidade nos fez escolher:

- três membros franceses: Sidi ASKOFARE, Jean-Pierre DRAPIER, Agnès METTON;
- dois membros espanhóis: Roser CASALPRIM, Carme DUEÑAS;

- um membro ALN-ALS: Clara Cecilia MESA;
- um membro do Brasil: Sandra BERTA;
- um membro italiano: Marina SEVERINI.

Cabe ao dispositivo local de garantia instruir a candidatura antes da transmissão à CAI.

### **7. Próximas reuniões do CIG**

Dias 10 e 11 de março de 2018, de forma a finalizar a preparação do simpósio e da assembleia. Talvez, acrescentemos a tarde do dia 9, em função das necessidades.

Dia 12 de setembro de 2018, das 10h às 14h (o simpósio ocorrendo das 16h às 20h) e 17 de setembro, das 09h às 13h, em Barcelona.

Dias 22 e 23 de novembro de 2018, na ocasião das Jornadas Nacionais, que acontecerão em Paris.

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PASSE

“O cartel internacional: Torre de Babel ou lugar de recepção?”,

por Carme DUEÑAS

Escutar uma língua estrangeira é sempre um exercício que implica assumir o risco de não ter os elementos necessários para compreender o outro, e de não ter o vocabulário necessário para expressar com facilidade aquilo que se quer transmitir. Mergulhar numa língua que se conhece mal é uma forma de imergir num mar de significantes dos quais, assim como a criança que aprende a falar, extraímos os elementos importantes para compreender o essencial, correndo o risco de se enganar sobre o sentido daquilo que ouvimos; o mal-entendido, contudo, não é a base da comunicação?

Escutar um passe numa língua diferente da sua, e que, além disso, não se conhece muito bem, pareceu-me, de imediato, uma tarefa complicada, em parte facilitada pela presença, em cada um dos cartéis, de colegas bilíngues que asseguram a tradução de certas palavras ou expressões. Entretanto, há aí uma grande responsabilidade para os membros do cartel do passe, já que, se o “passador é o passe”, é preciso que alguém possa recolher aquilo que eles deixam passar.

Lacan, na “Nota italiana”, indica que é do não todo [*pas tout*] que surge o analista, aquele que carrega “a marca” que lhe foi deixada por sua própria análise, mas que cabe aos seus congêneres “saber encontrá-la”.

Será que eu saberia encontrar essa marca e, além disso, numa língua que não conheço bem?

Tive a chance de estar presente em dois cartéis nos quais foram nomeados AEs. No primeiro, a transmissão foi feita por passadores que falavam a mesma língua que eu. Foi no segundo caso, no qual a língua do passante e dos passadores era o francês, que pude ter a experiência de que, efetivamente, se há algo que deve passar, isso passa independentemente da língua ouvida. Assim, compreendi que a língua não é uma dificuldade para poder extrair daquilo que se ouve se essa “conquista de um saber”, que estava ali antes que o próprio sujeito o soubesse, aconteceu ou não, e se o sujeito pôde circunscrever como esse saber inconsciente foi produzido. Porque isso não implica o sentido, mas uma estrutura lógica, dado que aquilo de que se trata é de poder identificar como isso foi revelado ao analisando, e os efeitos que isso teve nele.

Nos testemunhos que escutei em língua francesa, os dois passadores puderam transmitir com precisão essa “conquista de um saber” e os momentos de mudança [*virage*] a partir dos sonhos, lapsos, interpretações do analista e da emergência de afetos não previstos.

Ainda que não tenha podido compreender tudo, ou justamente graças a isso, pude recolher nos testemunhos dos passadores os significantes, com o gozo que ali estava enodado, que marcaram o trajeto de sua análise, e aquilo que permitiu ao sujeito sair de uma posição ao gozo feroz do Outro, que o deixava petrificado diante de seu olhar, e agarrar algo de seu próprio gozo e daquilo que o marcou em seu ser. Trajeto que lhe permitiu “sair vivo” de sua fantasia e fazer do gozo algo diferente. Um trajeto que marca a passagem de analisante a analista a partir da escrita e do surgimento de um desejo inédito, não articulado com o desejo do Outro.



A experiência do passe, sobretudo quando há nomeação, toca todos aqueles que dela participam. Em primeiro lugar, os passadores, mas também os membros do cartel, dando-lhes a íntima convicção de que “há analista” [*il y a de l'analyste*]. Não é algo que tem a ver, prioritariamente, com o sentido daquilo que é escutado, mas com uma estrutura lógica que permite depreender os elementos que deram a possibilidade ao analisante, não apenas de encontrar um benefício terapêutico, mas de fazer um novo enlaçamento, depreendendo o imaginário da fantasia e extraíndo algo do real que se enodou ao simbólico para encontrar um desejo que lhe permita se separar do desejo e do gozo do Outro.

Escutar esse passe numa língua diferente da minha, e que eu não conhecia, de forma alguma muito bem, com o esforço que isso supõe, e graças aos esclarecimentos linguísticos dos colegas do cartel, me permitiu constatar que, se já uma “letra/carta” [*lettre*] que se deve fazer chegar, e se os passadores cumprirem sua função de “fazer passar” a missiva, ela chega. Com a condição, evidentemente, de que aquele que a recebe esteja disposto a se deixar atravessar pelos significantes e pela lógica da linguagem. Para além da língua na qual é escutada a transmissão.

Dezembro de 2017

*Tradução de Patricia DAHAN*

*“No calor do momento do trabalho do cartel do passe”,*  
por Agnès METTON

“O júri não pode se abster de um trabalho de doutrina, para além de seu funcionamento como seletor”: eis o que nosso cartel experimentou.

Dois testemunhos, diferentes em estilo, transmitem ao cartel que o passante viveu e contribuiu para a experiência de uma psicanálise levada até o ponto muito preciso de um momento de passe.

O vislumbre que o sintoma, que denuncia o sujeito sob um significante particular, contém o horror do gozo, e que esse gozo é justamente o seu, é fornecido pela interpretação que o passante faz de um sonho. Esse vislumbre põe fim àquele sobre a caducidade da fantasia, esta já abalada para o passante junto ao qual ideais haviam caído. As coordenadas do momento do passe estão entregues. Assim como as da separação com relação ao analista quando não há para o sujeito mais nada a procurar ou interpretar. O sintoma de entrada foi abandonado ou, antes, transformado no decorrer da cura, e o passante se nomeia com um novo significante, o qual identifica sua nova posição de gozo, incluindo aí algo de seu desejo de analista e de seu desejo de escola. Um outro significante principal atravessa o trabalho de análise, que remete ao objeto e, sem dúvida, ao gozo opaco. Lacan escreve que, no momento da resolução da transferência, “o analista não tem mais que esperar um olhar, mas se vê transformar numa voz”, e aqui um sonho de fim põe em circulação essas duas substâncias do objeto. Portanto, muitos elementos estavam presentes para autenticar um passe. No entanto, o cartel levou tempo, e uma boa quantidade de energia, para questioná-los e fazer disso, ou não, argumentos.

Por quê? É verdade que a língua do passante e dos passadores é a mesma de apenas um dos membros do cartel, que, então, se esforça para traduzir para os outros. Isso torna um

pouco mais pesado o uso do dispositivo, e exige esforços de atenção, mas não chega, no total, a prejudicar a transmissão.

É totalmente sensível, sobretudo, que o passante fez passar algo aos passadores, que procede do *desser*. E fica claro também que os passadores, por sua vez, fizeram passar algo ao cartel. O que foi passado ao cartel também teve também o efeito de encarregar o cartel de se ocupar disso, não somente de ouvi-lo e tomar uma decisão, mas também de levar o tempo necessário para tratá-lo: para que cada um no cartel viva o dever de decisão como se o mergulhasse novamente na fonte da experiência de *passer*, na “inocência” talvez?

De início, a decisão não constituiu uma evidência para todos, causou uma certa intranquilidade. E há que se constatar que aquilo que passou ao cartel agiu sobre o cartel: uma forma de empuxo-a-reelaboração do caso testemunha a comunicação, ao mesmo tempo pelo passante e pelos passadores, das características da “metamorfose”, e isso conservando seu lado cinético, produzindo a atenção para não fixar muito rapidamente essa metamorfose no “já visto [*déjà-vu*], já lido ou já compreendido”. A transmissão é feita, portanto, em torno de um movimento. Ela é feita também em torno de uma potencialidade, devido ao fato de que aquilo que o passante extraiu é dado ao cartel pelos passadores como algo que abre as possibilidades de elaboração. Abertura à elaboração para cada um – para o passante no futuro, para os passadores, talvez, para o cartel também, já que é isso que ele vive ao prolongar suas reflexões. Enfatizamos, ademais, a importância do caráter não finito, *in progress*, da elaboração, como algo que reforça a autenticidade e a simplicidade desse testemunho de *passer*. Ela impulsiona o cartel a estreitar a questão dos momentos de *passer* e de fim, e a reler o trajeto analítico rumo a uma conclusão que inclui a ética subjetiva. Esse *passer* traz à luz, portanto, o peso da decisão tomada por um sujeito que, tendo visto sua fantasia soçobrar, tendo atingido sua destituição, tendo feito cair o sujeito suposto saber em seu analista, decide efetivamente no início assumir, endossar esse suposto saber inicialmente para si mesmo, em seguida por uma outra decisão, assume passar a analista e, assim, abrir-se ao outro numa relação renovada.

Se o termo “*sinthoma*” não foi utilizado entre nós, nem na ocasião de nossa retransmissão ao CIG, poderíamos questionar isso com relação ao novo significante produzido no fim da cura. Ele, com efeito, enoda os três registros, o corpo e sua imagem, o novo nome do sujeito, e o desejo inédito do sujeito, que remete a uma nova relação com o gozo.

Para o cartel, o próprio fato de escolher prosseguir – ainda que só um pouco, mas ainda assim, prosseguir – para além da resposta de nomeação, inicialmente por esse pequeno trabalho *sur le vif*, no calor do momento (no dia seguinte à reunião do CIG), demonstra que o cartel foi contaminado, com leveza, por algo vivo, animado e estimulante que emana desse *passer*. Isso procede, certamente, da dinâmica da decisão ética de fim de análise que produz um analista por seu desejo, e que também produz, simplesmente, um sujeito feliz. Foi preciso ao cartel o instante de ver (de ver o momento de *passer*), o tempo para compreender (que esse momento teve consequências em termos de escolha subjetiva sobre a vida e o desejo de analista do passante), e, por fim, o momento de concluir (de concluir que desejamos, de nossa parte, transmitir a energia e o prazer que esse trabalho nos deu). Assim como brincar de pega-pega<sup>(NdT)</sup> – jogo infantil em que aquele que é tocado passa, por sua vez, a correr para passar adiante sua alegre

---

NdT : Em francês, *jeux du chat* ou *jeu du loup*.

experiência de quem “foi pego” –, o passante tocou os passadores, que, em seguida, tocaram o cartel, o qual vem aqui tentar tocá-los também.

29 de novembro de 2017

“*Marca e rastro*”,

por Frédéric PELLION

*O que está feito não pode ser desfeito.*<sup>1</sup>

Periodicamente ressurgem o debate de saber se a Escola, em suas listas – que existem, e dentre as quais ela publica algumas, já que edita um *Catálogo* e que algumas zonas a elas acrescentam um *Anuário* –, deve mencionar que alguns de seus membros tiveram a função, em um dado momento *do passado cronológico*, de Analista da Escola.

Pois, de fato, a coisa não se coloca como algo fácil de decidir: a objeção de que uma lista especial fixaria uma classe, e que essa classe poderia resvalar para a “casta” (essa palavra, como se sabe, se encontra na carta com o cabeçalho da Causa freudiana de 23 de outubro de 1980) é bastante admissível, e as lições que tivemos nesse mesmo passado reforçam mais isso.

Alguns AE prezam, todavia, que a marca que o passe lhes deixou não se apague quando sua função cessar. É, aliás, algo feliz, pois seria lamentável para a Escola, e talvez também um pouco desestimulante com relação ao alcance efetivo daquilo que Lacan tentou trazer ao capítulo do ato analítico, eles se verem quites com isso – com seu passe, com essa marcar e, por que não, com a Escola –, ao fim do tempo atribuído a essa função.

Mas talvez a oposição seja menos irreduzível do que pareça.

Há, com efeito, uma diferença entre marca e rastro [*trace*]: a primeira se desloca com o sujeito – marca-se o gado com o sinal de seu proprietário –, a segunda dele se destaca para evocá-lo em sua ausência – segue-se o rastro do animal selvagem.

Ora, nada prova que os AE que desejem que seja conservado um rastro de sua passagem por essa função confundam isso com a marca que carregam de seu próprio passe. Podemos até mesmo supor que eles sabem, melhor do que ninguém, que nada no Outro, nos quais os rastros [*traces*] ficam gravados, se fazem e se desfazem, responde exatamente a essa marca.

O risco mais real seria, portanto, que os leitores ocasionais do *Catálogo* ou dos *Anuários*, menos prevenidos dessa diferença, confundissem rastro e marca.

Que uma nota liminar colocada nesse lugar, então, lembre a eles aquilo que Freud, desde 1896, dizia sobre a diversidade dos rastros, e sobre a tentativa histórica de passar ao lado disso, fixando-as em marcas de uma “pré-história inesquecível”;<sup>2</sup> e aquilo que Lacan, ao

---

1. SHAKESPEARE, William (1606). La tragédie de Macbeth, V, 2. Tr. fr. MÆTERLINCK, Maurice. In Œuvres complètes. T. II. Paris : Gallimard, coll. Pléiade ; 1959, p. 1001.

2. FREUD, Sigmund. Lettre à Fliess du 2 décembre 1896. Tr. fr. in La naissance de la psychanalyse. Paris : PUF ; 1956, p. 159.

iniciar seu *Seminário*, postulava como horizonte da análise, a saber, “reescrever a história”.<sup>3</sup>

Reescrever sem rastros é impossível, mas supõe também ter admitido que o rastro é um rastro de ausência.<sup>4</sup>

Dezembro de 2017

*Tradução (a partir do francês): Cícero OLIVEIRA, revisão: Sandra BERTA*

\*

**O CIG deseja a todos os membros da IF-EPFCL um bom ano em 2018.**

---

3. LACAN, Jacques (1953). O seminário, Livro I, Os escritos técnicos de Freud ; 1979, p. 23.

4. MARROU, Henri-Irénée (1954). De la connaissance historique. Rééd. Paris : Seuil, coll. Points ; 2016.